

Experiências de consenso e resistência dos trabalhadores têxteis de Santo Aleixo.

Juçara da Silva Barbosa de Mello*

Resumo: Considerando, tanto a documentação histórica quanto a memória social de um grupo de operários do lugar chamado Santo Aleixo – referentes às décadas que se estendem de 1930 a 1960 – observamos o modo como se configurou uma situação sócio-cultural específica, a partir fundamentalmente da centralidade do trabalho fabril e da singular combinação de tempo, lugar e atores sociais. Uma análise do cotidiano desses operários, em todos os seus múltiplos aspectos, desvenda como o discurso hegemônico foi interiorizado e reelaborado, materializando-se como uma cultura específica; e principalmente em que medida essa cultura, desenvolvida por entre “os poros da disciplina fabril”, atuou como um aspecto ativo na própria organização social do grupo, apontando para a presença de uma forte identidade coletiva.

Palavras-chave: cotidiano – cultura – identidade

Abstract: Considering, as the historical documentation, as the social memory of one group of laborers from Santo Aleixo – referring to ages starting in 1930 to 1960 – we can see how the specific partner-cultural situation was configured, starting, basically, by the centering of industrial work and the combination of time, place and social actors. One analysis showing the daily of those laborers, in their multiple aspects, unmasks how the hegemonic speech has been incorporated and remodeled, showing itself as a specific culture; and mainly in which measure that culture, developed inside “the industrial discipline pores”, act like one active aspect in the social organization of the group itself, pointing to a presence of one strong collective identity.

Key-words: Daily-culture-identity

Antigamente as crianças faziam quatorze anos iam pra fábrica, mas tinha a escola que era uma beleza [...] Tinha a escola, dentista, aula de corte, médico, e tinha as bandas de música. Agora, infelizmente só tem igreja e botequim!¹

A gente perdia a mocidade da gente, a juventude, a adolescência [...] era uma escravidão, uma escravidão mesmo! Mesmo assim eu sou muito grata a essa fábrica, porque se não fosse ela... Eu tinha pouca experiência, pouco estudo. Casa

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Social / Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – FFP/UERJ. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ CAPES.

¹ Entrevista com D. Lúcia Alves, concedida à autora em outubro de 2007.

*de família? Ninguém aqui podia pagar empregada. Sair pra fora? De que jeito?
Então pra mim, a fábrica foi uma mãe, uma mãe severa, mas foi uma mãe!*²

O emprego da conjunção adversativa “mas”, e da representação metafórica da fábrica como uma “mãe severa” pode simbolizar, primeiramente, que na lembrança dessas operárias, as conscientes perdas decorrentes da infância e da juventude dedicada ao trabalho foram compensadas pela presença de uma mãe, que supria a “família” com os elementos necessários à sobrevivência, tanto no que se refere aos aspectos materiais “[...] sou muito grata a essa fábrica, porque se não fosse ela [...]”, quanto o relativo aos aspectos sociais e morais “[...] tinha escola, dentista... Bandas de música. Agora... Só tem igreja e botequim”.

Segundamente, observamos nas falas das operárias um movimento no sentido de atribuir sentido às suas trajetórias, cuja dinâmica se constitui da multiplicidade e diversidade de processos, no “tempo” dos acontecimentos e no “tempo das lembranças”. Neste caso, o contexto deste último – O tempo das lembranças – favorece o fortalecimento da identidade social do grupo, pois no momento presente, na visão desses velhos trabalhadores ainda moradores do local, o que predomina é a falta de trabalho e de um lazer considerado saudável, aspectos que, na visão da operária – estando ausentes – contribuem para a presente “imoralidade” do país.

*As crianças hoje em dia [...] eu não me conformo! Não respeitam nada, é só palavrão! Não respeitam nada! Hoje é tudo desocupado. Antigamente era trabalhar e estudar. Trabalhava de dia, estudava a noite, trabalhava a noite, estudava de dia [...] eu fico tão preocupada com essa criançada; esse país com essa imoralidade; essas crianças sem ter o que fazer!*³

A declaração de D. Marioneida Péclat, pode parecer contraditória, sobretudo quando revela ser grata a uma fábrica que, segundo ela, causou a perda de sua “mocidade, juventude, a adolescência”, enfim foi uma “escravidão”. Entretanto, tal declaração fornece elementos para a compreensão de uma situação sócio-cultural específica, na qual a centralidade do trabalho fabril e a presença concreta e efetiva das fábricas em todos os setores da vida do operariado contribuíram na formação de um peculiar processo de sedimentação das identidades sociais.

No lugar chamado Santo Aleixo, a absoluta predominância do trabalho fabril garantiu a constituição de uma situação sócio-cultural caracterizada pelas especificidades da singular combinação de tempo, lugar e atores sociais. No entanto, mesmo considerando as especificidades da situação sócio-cultural desenvolvida naquele tempo e lugar, é preciso

² Entrevista com D. Marioneida Peclat, concedida à autora em 18 de janeiro de 2007.

³ Entrevista com D. Lúcia Alves, concedida à autora em outubro de 2007.

ênfatisar as características mais gerais que a fazem enquadrar-se no “padrão” fábrica com vila operária. Tal padrão, segundo Leite Lopes, é o resultado de uma configuração específica da relação entre a força de trabalho industrial e o patronato, que se constitui em “[...] uma situação onde a própria fábrica é proprietária das casas em que moram seus operários e é promotora da vida social extra-fábrica da localidade”. Isso faz de Santo Aleixo, “um caso particular do possível, no universo do padrão fábrica com vila operária” (LOPES, 1998:17-20). E neste caso, duas fábricas e duas vilas operárias que rivalizavam entre si, e que representam exemplos típicos das tentativas de controle e dominação característicos do “poder disciplinar” (FOUCAULT, 1985: 17,18)

Entretanto, contrariando a noção “foucaultiana” que entende a ação disciplinar como modeladora do cotidiano e da identidade dos trabalhadores, nos voltamos ao pensamento de Thompson cujo fundamento se constitui na análise empírica das formas e modos dessa dominação, levando em conta sua lógica interna e suas contradições (THOMPSON, 2001:260).

O descortinar dessas configurações sociais faz emergir uma ampla variedade de situações que se contrapõem à noção de resignação e passividade dos trabalhadores, diante do discurso disciplinarizante no qual se encontravam imersos. Tal constatação corrobora a declaração de Thompson acerca dos muitos contextos e situações “[...] em que homens e mulheres, ao se confrontar com as necessidades reais de existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria intrínsecos ao seu modo de vida”(THOMPSON, 2001:261).

A existência material proporcionada pelo trabalho nas fábricas, a moradia nas vilas operárias, o convívio nas associações recreativas, igrejas, escolas, clubes de futebol e blocos carnavalescos, unia os indivíduos na esfera do trabalho e fora dela, originando uma representação social pautada pela noção de complementariedade e harmonia entre as partes.

Eu ganhei casa logo que comecei a trabalhar. Era difícil conseguir casa. Mas dependia muito da operária. Se ela fosse boa trabalhadora, trabalhasse legal, ficasse até mais tarde quando o patrão necessitava [...] Não fosse faltona, sempre conseguia. Pra ganhar casa muitos tinham que esperar a vez e nem assim ganhavam. Mas eu nunca esperei [...] O aluguel da casa era descontado do pagamento, não era bem um aluguel, era uma colaboração.⁴

A fala da D. Nelly aponta para uma relação que parece obedecer ao princípio da reciprocidade, sugerindo que o operário deveria ser leal ao patrão enquanto este deveria ser

⁴ Entrevista com D. Nelly Gualandi de Mello, concedida à autora em 15 de janeiro de 2005.

justo com o operário. Desse modo, o que observamos não é propriamente uma imposição do dominante sobre o dominado, mas uma negociação em que constam argumentos mudos, percebidos em pequenos gestos e atitudes vivenciadas em uma cultura, caracterizando o que Michel de Certeau chamou de “politização das práticas cotidianas”. Para o autor, “a cultura articula conflitos e volta e meia legítima, desloca ou controla a razão do mais forte [...] se desenvolve no elemento de tensões [...] fornece equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários” (CERTEAU, 2007:45).

Eu não era mole não, lutava pelos direitos do trabalhador, eles até me chamavam de “Moscou”. Uma vez eles quiseram que um tecelão só tomasse conta de 3 máquinas sozinho. Isso era uma exploração! Mas na minha seção eu não deixei, e essa ordem não passou. O Sindicato foi em cima. Mas eu nunca levei nenhuma advertência, eu trabalhava mesmo! Não é querendo me gabar não, eu sempre fui um líder da classe, mas sempre cumpri com meus deveres. Era pra chegar 7:00 horas, eu chegava 6:30, e a minha seção era a que mais produzia na fábrica.⁵

O trabalho na fábrica era um trabalho sacrificado, tinha que fazer o pano bem perfeito. Quando o pano não saía perfeito, a gente era chamado numa tal de mesa na “sala do pano”. Quando a gente conseguia fazer o pano perfeito tinha um prêmio, mas quando a gente ia nessa tal de mesa perdia o prêmio [...] O prêmio era três quilos de pano, e eu ficava muito feliz com isso [...] Os patrões, não posso dizer que eram bons, eram muito exigentes, mas em matéria de coisas boas pra gente, tinha médico de graça, dentista de graça.⁶

No primeiro caso, o Sr. Paulo Lopes parece querer justificar o protesto contra o trabalho considerado excessivo – “uma exploração” – com a alegação de que era um cumpridor de seus deveres, pois “trabalhava mesmo”. Tal representação aponta para uma resistência à “quebra” das cláusulas de um contrato simbólico fundado nos princípios de compromisso, lealdade e fidelidade, no qual o patrão não devia exigir além do que fosse aceitável, como justo, pelo operário.

Presente na fala da D. Nelly está o grau de eficácia atingido pela política patronal e de cunho trabalhista que se estendeu pelo período getulista e adentrou nos anos que se seguiram. Assim, “o trabalho era sacrificado” e os patrões “eram muito exigentes”, porém tudo isso era compensado pelo oferecimento de “coisas boas”, com o fim de diluir ou amenizar o antagonismo entre as classes.

Nesse mesmo escopo estava o apoio garantido pelas empresas aos clubes esportivos do local. Estes, verdadeiros clubes de fábrica que se transformaram em expressão da profunda

⁵ Entrevista com o Sr. Paulo Lopes, concedida à autora em 03 de fevereiro de 2005.

⁶ Entrevista com D. Nelly Gualandi de Mello, concedida à autora em 15 de janeiro de 2005.

rivalidade que se desenvolveu entre os operários e chefes, das fábricas Unidas de Tecidos Rendas e Bordados localizada no bairro Andorinhas, e da Fábrica Esther localizada no bairro Guarany, de propriedade do empresário Hermann Mattheis e do Grupo Bezerra de Mello, respectivamente.

Tanto o AFC quanto o GFC mantinha uma relação de dependência estrutural, firmada sobre bases pessoais com as companhias. “O Conselho Deliberativo, reconhecendo os relevantíssimos serviços prestados ao Andorinhas, pelo Sr. Hermann Mattheis, concede-lhe em caráter vitalício o título de Patrono”⁷. Isto é o que consta no capítulo VIII, do quadragésimo artigo do Estatuto de funcionamento do AFC, deixando clara a influência da Fábrica Unidas, representada pela figura de seu proprietário Hermann Mattheis, na história do AFC. O título de patrono, concedido em caráter vitalício a este empresário, se apresenta apenas como amostra de um bem articulado “jogo”, no qual as partes envolvidas se equilibram através de concessões mútuas. Não esquecendo, evidentemente, que tais relações se articulavam sobre bases já consolidadas pelas relações de dominação e subordinação que caracterizam as relações de produção.

O Sr Eli se recorda bem do clima de competitividade que envolvia o esporte do lugar, dizendo que “os donos das fábricas, cada qual queria fazer o melhor, contratava até jogadores de fora pra vir jogar aqui [...]”⁸ A rivalidade, então, estimulava ainda mais os investimentos nos setores social e cultural, tornando-se evidente por ocasião da realização das animadas partidas de futebol entre o Guarany Futebol Clube e o Andorinhas Futebol Clube, patrocinados respectivamente, pelas Fábricas Esther e Unidas.

O clássico Guarany x Andorinhas deveria só ser assistido pela torcida desses dois clubes. É a única que compreende a razão de tudo. Os forasteiros que vão ao campo saem espantados com tal espetáculo. Desconhecem a avalanche de sentimentos que assolam as pessoas que ali estão, querendo a todo o custo sair dali com a vitória de seu time estampada em sua fisionomia [...] Após o jogo, ou melhor passado então mais ou menos uma semana, as torcidas vão assumindo anovamente a sua forma. E a calma volta a reinar em Santo Aleixo. Seus filhos vão naturalmente voltando a um mesmo convívio. As hostilidades desaparecem, dando lugar a um outro sentimento de maior envergadura: o do trabalho e o da ajuda desinteressada ao próximo, seja do lado de lá ou do lado de cá.⁹

Uma série de processos simultâneos marca a construção da identidade do grupo. Assim, as diferenciações internas, acusadas pela forte rivalidade entre os clubes, não

⁷ Estatuto do Andorinhas Futebol Clube, 1960, p. 12.

⁸ Entrevista com o Sr. Eli Silva, concedida à autora em 09 de setembro de 2006.

enfraquecem a noção de unidade e coesão entre as duas torcidas, “a única que compreende a razão de tudo”, apontando para o caráter múltiplo das identidades, que em alguns momentos, estiveram marcadas mais fortemente pelo apego a seus clubes de “coração”, mas que na maior parte do tempo tinham no trabalho fabril o fundamento que se colocava para além das divergências internas ao grupo, e a partir do qual desenvolviam-se todos os demais vínculos identitários.

Reconhecer no trabalho o mais forte fator de identificação entre os operários, mesmo entre os associados dos clubes recreativos, significa a compreensão de que nas relações entre os trabalhadores, embora as associações recreativas pudessem funcionar como espaço em que se solidificavam as identidades, estas se definiam e eram forjadas, a partir do trabalho – “sentimento de maior envergadura” – com o qual se demarcavam distâncias e aproximações entre os grupos sociais envolvidos.

Tinha muita rixa no futebol e nos blocos carnavalescos da fábrica de Andorinhas e Santo Aleixo, mas quanto aos operários eu não via rixa não. O Sindicato tinha operários das duas fábricas, aqueles que eram contrário, tanto fazia que fosse de lá, ou fosse de cá, era contra mesmo né. Nessa parte não tinha rixa não. No carnaval e no futebol tinha rivalidade, mas na hora de lutar, quem lutava, lutava mesmo por todos os operários.¹⁰

Contrariamente ao que podia aparentar (e/ou) ao que o patronato parecia esperar, as rivalidades entre o AFC (pessoal de cima) e o GFC (pessoal de baixo), embora bem intensas, não chegavam a significar que os operários-jogadores, ao dedicarem-se inteiramente à defesa de seus clubes, estivessem com isso, assumindo uma postura de defesa da empresa a que estavam vinculados. Pelo menos não a ponto de fazer com que esses operários perdessem de vista a consciência do lugar que ocupavam nas relações de produção, e muito menos de enfraquecer os vínculos afetivos que os faziam sentir-se todos – “os de cima e os de baixo” – membros de um mesmo grupo.

Exemplo típico é o do Sr Paulo Lopes – amplamente envolvido com o usufruto do lazer oferecido pela fábrica: jogador do Guarany Futebol Clube, diretor da banda de música da fábrica Esther, e ainda líder de vários blocos carnavalescos, foi ao mesmo tempo, filiado do Partido Comunista, membro atuante do Sindicato e participante ativo das ações que visavam o combate à exploração do patronato.

Fui preso, tirado de dentro da fábrica [...] em 48, quando cassaram o partido. Me tiraram de dentro da fábrica, me levaram pra delegacia, e aí o “pau comeu”. Depois me jogaram dentro de um carro, me jogaram no mato e me bateram muito,

¹⁰ Entrevista com D. Lúcia Alves, concedida à autora em outubro de 2007.

depois me levaram pra Niterói e eu fiquei preso lá três dias [...] Graças a Deus passei por tudo isso, mas não tenho arrependimento de nada que fiz. Eu lutei pra mim e pros meus amigos.¹¹

Nas lembranças dos antigos operários, militantes e não militantes, é marcante a presença das ações do líder sindical Astério dos Santos. Episódio sempre presente nos relatos é o que diz respeito a uma greve ocorrida em função da decisão da administração das fábricas de aumentar o número de teares dos tecelões sem que isso fosse convertido em reajuste dos salários.

Uma vez eles quiseram que um tecelão só tomasse conta de três máquinas sozinho, isso era uma exploração! [...] O sindicato foi em cima!¹²

Lembro uma vez que aconteceu uma greve porque a gente tinha que tocar 3 máquinas. Então um dia a gente foi trabalhar tocando só 2 máquinas e, eles queriam que pegasse 3, então eles desligavam tudo, e ficava todo mundo parado porque a gente se recusava a trabalhar. Então ia todo mundo pro Sindicato.¹³

Astério era presidente do Sindicato quando houve uma greve porque quiseram aumentar os teares, então houve uma greve, mas ele dava conselho pra gente não quebrar nada, não falar nada contra os chefes [...] Só ficar parado sem trabalhar. Ele era um homem muito bom.¹⁴

A mobilização em torno da recusa em aceitar a imposição das fábricas, liderada pelo Sindicato, na pessoa de seu presidente Astério dos Santos, ganhou grande repercussão resultando numa emblemática vitória dos trabalhadores. Estas e outras ações do operário Astério dos Santos, à frente do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Santo Aleixo e Magé, foram decisivas para garantir-lhe um bem sucedido ingresso na política.

O impacto que sua trajetória, e a política em geral obteve sobre a memória dos trabalhadores é justificado pela noção de que o debate político marcou presença no cotidiano de cada um deles. A condição efetiva de operário morador do local garantiu ao político e líder sindical Astério dos Santos a formação de redes de sociabilidades e laços de afetividade desenvolvidas no âmbito do trabalho, da vizinhança, enfim de sua convivência no lugar, lhe permitindo identificar-se e ser identificado como membro do grupo, e assim como um importante aspecto da formação da identidade coletiva dos trabalhadores.

Não há ninguém em todo o município de Magé que não tenha ouvido falar de Astério dos Santos. Um operário da primeira fábrica de tecidos do Brasil [Fábrica Esther de Santo Aleixo], que bravamente lutou por melhores condições de vida para os trabalhadores nas indústrias têxteis instaladas em Magé [...] Foi preso e

¹¹ Entrevista com o Sr. Paulo Lopes, concedida à autora em 03 de março de 2005.

¹² Entrevista com o Sr. Paulo Lopes, concedida à autora em 03 de março de 2005.

¹³ Entrevista com D. Lúcia Alves, concedida à autora em outubro de 2007.

¹⁴ Entrevista com o Sr. Antonio Maciel, concedida à autora em 20 de janeiro de 2005.

torturado várias vezes. Segundo antigos companheiros: “morreu devido aos inúmeros espancamentos que sofreu nas muitas delegacias pelas quais passou na época da repressão.”¹⁵

No esforço em compreender o modo como se processou a construção da identidade coletiva dos trabalhadores de Santo Aleixo, apresentamos o modo como algumas experiências vividas foram por eles mesmos percebidas, a partir da convivência em um cotidiano no qual operários militantes e não militantes, em ações organizadas e não organizadas se posicionavam em defesa de seus interesses, ora abertamente, ora veladamente, assumindo, desta forma, a condição de protagonistas de sua própria história.

Referências bibliográficas:

BATALHA, Cláudio H. M. “A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetória e Tendências”. In: Mário Cezar (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

_____ ; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 13.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 13ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FOUCAULT, Michel.. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 5ª ed., 1985.

GOMES, Ângela de Castro (org). *Velhos Militantes*. Rio de Janeiro, Editora: Zahar, 1988.

GUARANY FUTEBOL CLUBE. *Revista Comemorativa do Jubileu de Ouro (1913/1963)*. Santo Aleixo, Magé, Rio de Janeiro, 1963.

JORNAL O GAZETÃO. *Operário militante deixa saudade*. Magé. Ano III. 12 a 19/07 de 1994 – nº 120.

LOPES, José Sérgio Leite. *A tecelagem dos Conflitos de Classe na “Cidade das Chaminés”*. Col. Pensamentos antropológicos. Brasília: Editora da Universidade de Brasília e Marco Zero/MCT/CNPQ, 1988.

THOMPSON, Edward Palmer. *As Peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. (org. Luigi Negro e Sérgio Silva). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
